

EX-LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

753C

W.



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

DOUS AMORES.

DOUS AMORES

DRAMA LYRICO EM TRES ACTOS

POESIA

(imitação do italiano de Piave)

PELO

Dr. Manoel Antonio de Almeida.

MUSICA DA

CONDESSA RAFAELA DE RCZWADOWSKA



RIO DE JANEIRO

TYP. E LIVRARIA DE B. X. PINTO DE SOUSA

Rua dos Giganos ns. 43 e 45.

1861.

*O direito de propriedade da musica do drama lyrico
DOUS AMORES é reservado á condessa de Rozwadowska, e
garantido por contracto passado entre ella o empre-
zario da Opera Nacional.*

PERSONAGENS.

LEANDRO, capitão de corsarios . . . Sr. Marchetti,

GIANNI, ajudante do mesmo . . . Sr. Soares.

MARINA, moça amante de Leandro. Sra. D. Luiza Amat.

DILÁRA, escrava favorita de Mourad. Sra. D. Guillemette.

MOURAD, pachá de Rhodos . . . Sr. Trindade.

OSMAN, agá de janizaros . . . Sr. N.

EUNUCHO, preto do harem de Mourad . . . Sr. N.

UM ESCRAVO. Sr. N.

DEMETRIO, corsario que não falla . . . Sr. N.

Côros, comparsas, corsarios, guardas, janizaros, eunuchos,
escravos, odaliscas, aias de Marina.

PERSONAGENS.

LEANDRO, capitão de corsarios . . . Sr. Marchetti.

GIANNI, ajudante do mesmo . . . Sr. Soares.

MARINA, moça amante de Leandro. Sra. D. Luiza Amat.

DILÁRA, escrava favorita de Mourad. Sra. D. Guillemette.

MOURAD, pachá de Rhodos . . . Sr. Trindade.

OSMAN, agá de janizaros . . . Sr. N.

EUNUCHO, preto do harem de Mourad . . . Sr. N.

UM ESCRAVO. Sr. N.

DEMETRIO, corsario que não falla . Sr. N.

Côros, comparsas, corsarios, guardas, janizaros, eunuchos,
escravos, odaliscas, aias de Marina.

Director empreezario da Companhia da Opera Nacional.	Sr. D. José Amat
Maestros, dirigindo a musica	} Sr. Antonio Carlos Gomes. } Sr. Julio José Nunes.
Ensaidor	Sr. Emilio Doux.
Pintor scenographo	Sr. Joaquim Lopes de Barros Cabral.
Contra-regra	Sr. Pessina.
Chefe das alfaias	Sr. Ludovino.
Aderecista	Sr. José Ramos.

ACTO I.

A illha dos Corsarios no mar Egéo. — Bahía rodeada de escolhos elevados que limitão a sua extensão. — De longe vê-se em uma rocha maior, uma torre massiça, quadrada, de architectura byzantina. Por entre os escolhos, á esquerda vêm-se choupanas e grutas—abrigo dos corsarios. Tarde; cahir do sol.

SCENA I.

Ouve-se no fundo o canto dos corsarios.)

CÔRO (no fundo).

Como livres os ventos resvalão
Pelo plaino das águas fervêntes,
Assim correm corsarios ardentes
Luta e presas e gloria buscar.
Têm seu reino no pego espumante;
E seu sceptro vermelha bandeira;
Elles sabem com alma altaneira
Os perigos e a morte affrontar.

O que é vida? — d'incerta fortuna
Um sorriso fugaz, duvidoso!
O que é morte? — Infinito repouso,
Em que findão os gozos e a dôr!
Sus, gozemos! debalde a vingança
Contra nós clama e brada ameaças!
Que se abafe ao ruido das taças
Os lamentos do nauta a expirar!

SCENA II.

LEANDRO (*entra pensativo.*)

Féro é o canto da minha ousada gente...
Oh! sim!... bem dito... guerra!...
Perenne, atroz, inexoravel guerra
Contra todos os homens!...
Por elles hei soffrido... odeio a todos!...
Temido sou por elles e execrado...
Desditoso me vejo, mas vingado!...

Tudo em prazer sorria-me
Da idade nos verdores!
Era-me a vida um limpido
Prisma de lindas côres!
Porém, um fado indomito
No abysmo me lançou!
Não póde o encanto placido
Volver, que ja passou.

SCENA III.

O MESMO, GIANNI E CORSARIOS.

GIANNI.

Do galerno ao sopro brando
Arribou barco veleiro ;
É do gregó vigilante
Um discreto mensageiro.

(*Entrega a Leandro uma carta.*)

Lê, e rompa-se o mysterio
Que até hoje se guardou.

LEANDRO (*depois de ter lido.*)

Promptos sêde a acompanhar-me !..
Vai as armas preparar-me !
Eia, avante ! d'entre em pouco
Trôe o bronze ! eia, guerreiros !..
Eu commando hoje a bandeira !

TÓDOS.

O Deos ! Tu mesmo ?

LEANDRO.

Sim !

Sim, do corsario os raios
Vibrar me manda a sorte!
Da nossa mão a morte
O musulman terá.

TODOS.

A's armas ! sus, intrepidus,
Corramos á peleja !
Qual nossa força seja
O vil aprenderá.

o côro se dispersa e Leandro se dirige á torre)

SCENA IV.

Aposentos de Marina no interior da torre: boudoir com
mobilia europea.)

MARINA (*só.*)

Não volta não, ainda !
Oh, como longo, eterno,
Quando ausente elle está, me passa o tempo !
(*Toma a harpa.*)

Harpa, que muda jazes,
Vem, e dos meus suspiros
Segue o vôo; que mais veloz alcancem
Os meus fracos lamentos
O destino a que vão, na aza dos ventos !

(Senta-se e acompanha-se)

De mil imagens tetricas
Me curvo ao triste imperio !
Passão-me os dias horridos
Nas sombras de um mysterio !
Se acaso um raio pallido
Das trevas rompe o manto
Pouco me dura o encanto
Do brilho enganador !
Mais vale a morte ! o 'spirito
Irá de prompto a Deos !
Do meu Leandro as lagrimas
Terão os restos meus !
Do pranto o doce balsamo
Que verte um peito amante,
E' premio, sim, bastante
A quem morreu de amor.

SCENA V.

MARINA E LEANDRO.

LEANDRO (*tendo ouvido as ultimas palavras de Marina.*)

Porque é triste, Marina, o canto teu ?

MARINA.

Quando estás longe, posso eu ser contente ?
Porque de mim te afastas ?

LEANDRO.

Tu sabes que no mundo
Nada me resta quando tu me faltas !
Quasi não tenho que esperar dos Ceos....

MARINA.

Oh ! cala-te, Leandro !

LEANDRO.

Tu no passado encontras
O penhor do futuro !
Não ! nosso amor, não morrerá, Marina !
Mas é preciso ter coragem !...

MARINA.

Céus !

LEANDRO.

Um dever a cumprir, mas sem perigo...

MARINA.

Não partirás... não fujas, meu affago !...

LEANDRO.

Consola-te... hoje sigo...

MARINA.

Bem me dizia o coração presago !
Não ! comprehender não podes
A minha angustia e dôres

Quando n'ausencia matão-me
A duvida e ós temores !
Qualquer gemer do vento
Parece-me um lamento,
Que te annuncia, ó misero,
Prêsa do irado mar !

LEANDRO.

Essas idéas tetricas
De ti desterre o Céu !
Hei de voltar incolume,
De novo ao seio teu !
Hei de pagar com beijos
Tua pena e meus desejos !
E tantas dôres subito
Em gozo e amor trocar !
Mas sôa... a hora... deixa-me !

MARINA.

Onde e porque te vás ?

LEANDRO.

Um dia o saberás...

MARINA.

Não me abandonas ?

LEANDRO.

Não !

Marina eu devo...

MARINA.

Escuta-me !

(Ouve-se um tiro de peça.)

LEANDRO.

Ouve ! o signal já sóa !

MARINA.

Attende ás minhas lagrimas...

LEANDRO.

Adeos ! em hora boa.

MARINA.

Oh ! ceos ! que dôr !

LEANDRO.

Esperão-me !

Socega, voltarei !

MARINA.

Voltarás, mas talvez quando
Já não viva a malfadada !
Voz infausta ora me brada
Que mais nunca te verei !
Se tens alma não me deixes,
Ou de angustia morrerai !

LEANDRO.

Louca idéa te atormenta !
Crê da sorte na ventura !
Uma voz também me augura
Que mui cedo voltarei !
E tal magoa, tantas dôres
Por mil gozos trocarei !
(*Outro tiro de peça.*)
E' dada a hora... Adeos ! (*foge.*)

MARINA.

Ah ! não te vás.... Meu Deos ! (*desmaia.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II.

SCENA I.

Rica sala no harem de Mourad.

(Odaliscas, apresentando véos, chales, rendas e joias a Dilára.)

CORO.

Oh! que perenne prazer te é dado!
Tu, que os extremos tens do Pachá,
Vem, ó Dilára, que a teu agrado
Quanto desejes se te dará!
De vestes ricas, de gemmas bellas
Orna os encantos que o céo tedá!
Do harem dominas entre as estrellas
Huri, mais vaga no céo não ha.

DILÁRA.

Não ha na terra creatura alguma
Do que en mais desgraçada!
Mourad, que me ama... odeio!...
Oh! musulmano vil, tu não conheces,
Tu não comprehendes inda
Que alma me abriga o peito,
Que ao ouro vil nunca será sujeito!

Livre do horrendo carcere
Adeja o pensar meu,
Percorre o espaço limpido
Busca da patria o céu !
Ahi recobra o animo,
Esquece as vis prisões ;
E em doces illusões
Se embala em gozo e amor...
Mas ah ! do algoz no thalamo
Renasce a minha dôr !

SCENA II.

AS MESMAS, E EUNUCHOS.

EUNUCHOS.

Mourad celebra com pompa e galas
Uma victoria que alcançará ;
Vem que da festa nas ricas salas,
Tua presença quer o Pacliá !

DILÁRA.

Irei... (*os eunuchos sahem.*)
(*A's odaliscas*) Comigo tambem não vindes ?
(*a sós*)
A seu mandado quem fugirá ?

E' conforto só a esperança
Para esta alma acabrunhada !
Mas nem sempre sepultada
Foi-me a vida em tanta dôr.
Grato allivio a penar tanto
Talvez mande o céo piedoso,
Talvez cedo seque o pranto
Que hoje verto com fervor.

CORO.

Do Pachá tu és o encanto,
Tudo póde o teu amor.
(*sahe seguida pelas odaliscas.*)

SCENA III.

Kiosque no cões do porto do arsenal de Rhodes. — No porto avista-se fundeada uma corveta turca, illuminada festivamente. — A' esquerda do espectador vê-se uma parte do serrallho do Pachá, tambem illuminado. — A' direita um pavilhão com mesas postas a uso turco.

SOLDADOS E OFFICIAES MUSULMANOS.

CORO.

Só gritos de festa
Se executão agora,

Mais brilho qu'aurora
A noite terá.
Pra' os impios infesta
Tal noite será.
Tremei, inexpertos
Piratas, a sorte,
Que um golpe de morte
Mourad vos dará,
E os mares libertos
Seu braço fará!

MEUZZIN (*no Minaret,*)

Allah é grande! Ha só um Deos!
E Mahomet é seu propheta!

SCENA IV.

OS MESMOS E MOURAD SEGUIDO DE
OSMAN E DE OUTROS GUERREIROS.

(*Todos se inclinão profundamente, fazendo o
temeneh* *).

MOURAD.

Ousada gente, erguei-vos,
Espera-vos a gloria,

(*) Comprimeto usado entre os turcos.

Teremos hoje as honras da victoria !
Soem clarins no entanto
E a Allah vencedor se entoe o canto!

Salve, Allah! todo o plaino da terra
A seu nome potente resôa !
Do propheta aos devotos ferventes
Elle a espada invencivel fará !

TODOS.

Santo em paz, mas terrivel em guerra
E para nós o gran nome de Allah !

MOURAD.

Salve, Allah ! seu olhar carregado
Luto e sombras derrama no mundo !
Mas seu riso ineffavel, jocundo
Luz de amor e prazeres nos dá !

TODOS.

Quem lutar em seu nome sagrado
A victoria de certo terá !

SCENA V.

OS MESMOS E UM ESCRAVO DO SERRALHO.

ESCRAVO.

Um Derviche fugido das cadeias
Do réo corsario, uma audiéncia pede.

MOURAD.

Que aqui venha !...

SCENA VI.

OS MESMOS E LEANDRO *(em traje de Derviche introduzido pelo escravo.)*

MOURAD.

De onde vens tu ?

DERVICHE.

Dos perfidos
Pude salvar-me a custo !

MOURAD.

Mas foste preso ? e quando ?

DERVICHE.

De muito ando vagando
Entre aflições e susto.

MOURAD.

Quem te ha salvado ?

DERVICHE.

Um misero
Piedoso pescador....
A ti recorro supplice....
Protege-me, senhor !..

MOURAD.

Diz-me, os piratas temem-se
Da ira que lhes voto ?
Pensão fugir-me os impios
Por um ardil ignoto ?
A atroz vingança fera
Conhecem, que os espera ?

Sabem que mão intrepida
Em pouco os ferirá ?

DERVICHE.

Eu só via o meu carcere,
Os ferros meus só via,
Das vagas mal o fremito
O ouvido me feria,
E graças dou ao fado
Por ter-me assim salvado....
Que os ímpios de ti riem-se
O! ! duvida não ha....

(vai retirando-se.)

MOURAD.

Fica ainda....

DERVICHE.

Senhor !

MOURAD.

Eu o quero,
Nem demora ao que mando tolero.
(Um clarão deslumbrante allumia a scena)

Mas que luz tão brilhante nest'hora ?!

DERVICHE, *(com jubito)*.

Meus guerreiros!

(Enquanto todos correm confusamente á praia, faz explosão um brulote. O fogo invade os navios da esquadra e o serralho.)

TODOS.

Trahidos estamos!

Já o fogo os navios devora.

MOURAD.

Eia! ás armas!

TODOS.

A! luta corramos.

(DERVICHE não pôde conter o jubilo.)

MOURAD.

E! chegada, ó infame, tua hora!
Seja preso este espia traíçoeiro!
O seu dia chegou derradeiro!

LEANDRO (*tirando o disfarce, barba, bonét e turbante de Derviche, e sobreveste; apparece armado, toca uma buzina, e desembainhando a espada, exclâma:*)

© Sus! coragem, valentes, corramos!

(*Os Turcos são repellidos e postos em fuga pelos corsarics, que a esta voz têm invadido a scena.*)

Que estes vis n'um momento acabamos!

SCENA VII.

(*Vozes no harem.*)

Quem acode!... soccorro!

LEANDRO.

Avancemos!

A salvar os imbelles viemos.

Morte aos homens! aos mais defendamos!

Eu vos sirvo de guia! corramos! (*corre para o harem seguido dos corsarics.*)

SCENA VIII.

LEANDRO, DILÁRA, GIANNI, CORSARIOS,
ODALISCAS.

LEANDRO (*entra precipitadamente, tendo nos braços Dilára; os corsarios seguem-o, levando odaliscas.*)

DILÁRA.

Ah! piedade! meu Deos!

LEANDRO.

Que temeis?

Respeitadas e livres sereis!

CORO (*no fundo da scena*)

Il Allah! Il Allah!

LEANDRO.

Sus, coragem! (*aos seus*)
Um esforço, eu vos abro a passagem.

(*Os corsarios obedecem.*)

SCENA IX.

OS MESMOS, E MUSULMANOS *(que prorompem capitaneados por Mourad.)*

CÓRO.

Il Allah ! Il Allah !... morte ! morte !

LEANDRO.

Malfadado ! que falha-me a sorte ! !

(Demetrio e parte dos corsários fogem, os outros ficam rodeados e vencidos. O mesmo Leandro, vencido pelo numero dos aggressores, cahê e fica em perigo de vida imminente.)

MOURAD.

Quero vivo esse homem !... Insano !...
Vil raptor de mulheres tu és !
Quero ver-te !... Foi ardido o plano,
Mas a sorte contrario t'o fez.

LEANDRO.

E' inutil que falles ; espero,
Não palavras, mas morte de ti.

MOURAD.

Audaz e atrevido, inda ousas mostrar-te?
Que és vil e cobarde vou prompto provar-te!
A horrída morte que aqui da-te a sorte
Veremos se pódés tranquillo afrontar!

LEANDRO.

Pra os vis e cobardes medonha é a morte!
Mas medo não soffre meu animo forte.
Verás se o formento me arranca um lamento!
Por ver-me tremendo não has de gozar.

DILÁRA.

É homem ou nune o ignoto guerreiro?
Que activo semblante! que olhar sobranceiro,
Que acende em minha alma d'affectos a chamma!
Por elle ao tyranno vou prompta rogar!

GIANNI.

Que vale a pujança no peito do forte,
Se esquivá, adversa, não sorri-lhe a sorte ?
De mais teve esperança Leandro no fado
E a fronte altaneira deve hoje curvar.

coro de Janizáros.

Victoria ! Victoria ! a empreza é cumprida,
Cahio a cabeça da hydra temida !
Já livres os mares dos feros piratas
Podemos as velas seguros soltar.

ODALISCAS.

Quem pena não sente do ousado, do forte ! ?
Ah ! muito contraria lhe foi hoje a sorte !
Pois elle buscava não meio de prigos
A hora e a vida dos fracos salvar !

SCENA X.

OS DITOS E OSMAN (*seguido por soldados do Pachá, que arrastão piratas em ferros.*)

OSMAN.

Senhor, os vis, os perfidos,
De todo estão vencidos,
Escravos uns, e o resto
Na fuga vão perdidos.
Se ao seu alcance queres
Podemos....

MOURAD.

É louco empenho,
Se este seguro tenho
Buscar os mais é vão!

LEANDRO (*faz um gesto de desprezo.*)

MOURAD.

Inda ameaças, perfido?...

LEANDRO.

Eu, perfido ? Bem sei !...
Um ferro dá-me, ó barbaço,
E humilde te farei.
E' abjecto, indigno, é despota
Lançar-me agora o insulto.

MOURAD.

Merres....

LEANDRO.

Mas não insulte...

MOURAD.

Suplicio novo horrendo
Ignoto até no Inferno
De imaginar terei.

MOURAD E CORO.

Vás morrer de morte atroz,
Lenta, infame, horrenda morte,
Como a tua uma igual sorte

Jámais nunca alguém terá !
Nem um só traço, uma só voz
Em teu prol não se erguerá.

DILÁRA E ODALISCAS.

Ah ! senhor, esenta, attende
Que elle é bravo, qu'è valente !
Se hoje fores tu clemente,
Tambem Deos pra ti será ;
O teu impeto suspende
Que a tua gloria ganhará !

LEANDRO E GIANNI.

Nem as furias, nem o medo
Nada altera o meu valor !
Quem abusa, vencedor,
Abatido se verá !
Insultais aos que vencestes !
Mais vileza, não, não ha !

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III.

Aposento de Mourad.—Mobília turca. Mourad, sentado com cachimbo na mão fumando pensativo.

SCENA I.

MOURAD.

O vil pirata em fim tenho seguro !
Já não pôde escapar-me e agora espere
Da minha raiva o duro golpe ! ousado !
(levanta-se impetuoso.)

Dilára a minha amada
Tentou roubar-me... e ella..., ó furia! ó raiva!...
Serpe feroz que eu abriguei no seio
E que astuta me morde!...
Oh ! que horribéis tormentos
Tu preparas quem duvida e ama,
Quem suspeita e adora ! Oh, vai ! me deixa
Pensamento suspeito !
Porque me agitas com tal furia o peito !...
Quantas donzellas lindas
Querião affectos meus !

Desprezei a todas; fervido
Só quero a houri dos Céos !
Mas se este amor indomito
Tentar ella trahir
Do meu ciúme aos impetos
Terá de succumbir....
Mas risque-se do animo
Esta incerteza insana !
Olá....

SCENA II.

O MESMO E OSMAN.

OSMAN.

Senhor.

MOURAD,

Escuta-me ;

Que aqui venha a sultana.
O ultimo sol ao perfido
Amanhã luzirá :
Que em convulsões expire !
Ouviste ?

OSMAN.

Entendo.

MOURAD.

Pois vai !

SCENA III.

MOURAD (*só.*)

Avizinha-se o^o momento
Fera sêde de vingança !
Só pensando em seu tormento
Já começo a me vingar !
E Dilára, se o engano
Lhe alimenta alma esperança
Ah ! que o juro ! o seu tyranno
No amante ella ha de achar !
Eil-a.... fiojamos....

SCENA IV.

(*Entra Dilára.*)

MOURAD.

Vem, adorada !

DILÁRA.

(E' este o instante.)

MOURAD.

Vem, minha amada,
Meu doce e candido amor primeiro!

DILÁRA.

Vencestê ?!

MOURAD.

Oh! Sim! meu prisioneiro
É já Leandro!... Breve agonia
Terá....

DILÁRA.

É justo! Mas não seria
Melhor guarda-lo? paga subida
Colher podias pela sua vida!

MOURAD.

Livre ó não quero pelo thesouro
Que esconde a terra em gemmas e ouro....

DILÁRA.

Livre, não digo, mas deixa-o vivo ;
Melhor te vingas tendo-o captivo !

MOURAD.

De um inimigo é pois tão cara
Pra ti a vida, bella Dilára ! ?
É louca a idéa a que te abraças !
Debalde rogas, em vão disfarças !
Impia, tu o amas !

DILÁRA.

Que escuto, oh céos ! ?

MOURAD.

A culpa leio nos olhos teus !

DILÁRA.

Ingrato !

MOURAD.

É certo ! no teu semblante
Vejo as angustias de uma alma amante !
Attende, ó perfida, ao que te digo,
Só pra o corsario não é o prigo...
Uma palavra, talvez a extreme....

DILÁRA.

(Como salva-lo ?)

MOURAD.

Reflecte e treme !
Ah, maldito o affecto seja
Com que, impia ! eu te adorava !...
Não esposa, abjecta escrava
Tu vás ser de teu senhor.
Treme, iniqua ; tu não sabes
Qual te aguarda horrenda sorte !
Treme, ingrata ! vês a morte
Do meu zelo no furor.

DILÁRA.

(Só ameaça, e não conhece
Quanto póde uma alma amante,

Onde cresce a cada instante
Inaudita raiva e amor !
Não esqueço, eu não, tyranno,
Queim a honra me ha roubado,
Quem votou-me, vil malvado,
À infamia e eterna dôr.)

SCENA V.

Interior de uma torre. No fundo uma porta fechada que dá para o mar; perto da mesma uma sacada com grade; á esquerda do espectador, porta com grade que conduz ás galerias superiores do serralho. De um lado ha um tosco leito.

LEANDRO (*carregado de ferros, passeia altivo.*)

Emfim, sou prisioneiro !
Ambiciosos sonhos meus voastes ;
Periga a honra e ainda mais a vida....
Desgraçada Marina,
Quanto d'ella me dão !... o fero annuncio
A matará... Se um ferro alguem me dêsse !
Se estas cadeas.... Céos !... desejos loucos !
Frio, immovel cadaver, n'um instante
Terei repouso ao menos !

E acabe, enfim, a morte
A minha pesada sorte.

(Atira-se no leito e adormece)

SCENA VI.

O dito e Dilára, que, depois de ter cautelosamente aberto a grade do serralho, chega-se vestida de branco com uma lanterna (turca, de papel) na mão. Chegada ao pé de Leandro contempla-o amorosamente.

DILÁRA.

Ah! dorme! eu entre suspiros
Velo por elle ardente! Força occulta
Me prende ao seu destino .. a minha vida
Devo lhe e a honra... porém. .já se acorda...

LEANDRO.

És tu mortal, ou espirito?

DILÁRA.

Aquella não conheces
Que ainda há pouco salvaste...ati eu venho...

LEANDRO.

A que?

DILÁRA.

Nem mesmo eu sei; mas inimiga
Certo não sou!

LEANDRO.

Devéras?

DILÁRA.

Não! socega!

LEANDRO.

A compaixão, a compaixão te cega!

DILÁRA.

Devrás morrer; inuteis
Forão-te os rogos meus!

LEANDRO.

Por mim rogas-te ?

DILÁRA.

Oh ! livre
Serás ! eu juro aos céos !

LEANDRO.

Quem m'hade abrir o carcere ?

DILÁRA.

Meu braço; assim o espero !

LEANDRO.

Não ! se vencer não pude
Devo morrer ! Não quero !
Só uma idéa mata-me.

DILÁRA.

De quem ?

LEANDRO.

De uma alma afflicta.

DILÁRA.

Então tu amas?... (misera !)

LEANDRO.

Era minha gloria e dita !

DILÁRA.

Amas então ?

LEANDRO.

A um anjo !

DILÁRA.

Quanto o invejo !...

LEANDRO.

E caro -
Não te é Mourad ?

DILÁRA

O bárbaro?...
Escrava eu sou, corsario!
E póde a escrava culevos
Sentir pelo oppressor?
Sómente em peitos livres
Se acolhe e vive amor.
Porêem que digo! o unico
Alvo dos sonhos meus
Seja tua vida! Eu quero
D'aquí salvar-te.

LEANDRO.

O podes?

DILÁRA.

Sim, tudo eu posso.... segue-me!

LEANDRO.

Seguir-te.... e estas cadêas?

DILÁRA.

Hão de cair.... são minhas
As guardas tuas.... comprei-as!

LEANDRO.

Oh! não!

DILÁRA.

Duvidas? Rapido
Navio nos aguarda;
Tudo está prompto.... segue-me,
Livrar-te já me tarda.
Na fé dos que te guardão
Dorme o tyranno. Toma!
Eis um punhal, tua victima
Será esse tigre insano!

LEANDRO.

Basta, Dilára, deixa-me,
O teu rogar é vão;
Não saberei de um perfido
Punhal armar a mão.

DILÁRA.

Do amor de que ardo mova-te
O impeto insensato.
Vem! por tua vida!

LEANDRO.

Deixa-me
Ao meu destino.

DILÁRA.

Ingrato !
Tu não sabes que a tormenta !
Sobre nós feroz rebenta !
Que tua morte e meu supplicio
Póde a aurora illuminar !
Ah, fujamos d'estes muros !
Livre abrigo é o vasto mar.

LEANDRO.

Oh ! não ! me deixa á minha sorte ;
Quer o céo a minha morte,
O universo me faz guerra,
É baldado o empenho teu ;
Ah ! maldito eu sou na terra
E maldito eu sou no Céu.

DILÁRA.

Pois seguir-me devéras recusas ?

LEANDRO.

Eu recuso!

DILÁRA.

Terror d'um punhal
Sentes tu no momento fatal?!
(*Resoluta.*)
Uma imbelle a vibrar-o te ensina!

(*Corre rapidamente pela grade brandindo o punhal na maior exaltação.*)

LEANDRO.

Oh! que faz!?

SCENA VII.

LEANDRO (*só.*) *Ouvem-se trovões, relampagos.*

LEANDRO.

Sobre mim caia inteiro
Do destino o pé do justiceiro!
Leva, ó Deos, esta misera vida!...

(Os trovões e raios que tem durado desde o principio d'esta scena acalmão-se, o Céu se torna sereno.)

E inda vivo!!

SCENA VIII.

DILÁRA entra espantada, olhando com horror atraz de si; caminha vacillando e cahe.... diz a meia voz a Leandro....

A missão está cumprida!
Hia erguer-se do leito.... e morreu!

LEANDRO.

Quem, Dilára, o homicida?

DILÁRA.

Fui eu!

(Levanta-se e chegando-se á Leandro diz chorando.)

A terra e o Céu detestão-me,
Nem mais minha alma espera !
Do amor o affecto indomito
Fez-me cruel e féra.
Ah ! vem ! com ferreo vinculo
A ti me prende o fado,
Sem esperança amado
Mas salvo te terei.

LEANDRO.

Oh ! só por mim és misera !
E soffres mais do que eu !
Porque buscaste o impeto
Quebrar do fado meu ?
Pra nós de mais injusta
Se mostra a sorte irada,
Não podes ser amada,
Mas livre te farei.

(Fogem pela porta que dá para o mar.)

SCENA IX.

Costa do mar e scenario como no acto I.

CORSARIOS, MARINA E AIAS.

MARINA.

Calai-vos... e eu não ousou
Interrogar-vos... não verei... o esposo ?
Silencio... ó Céu... sei tudo !
O meu Leandro já não vive... em pouco
Serei com elle. Sinto em mim a morte !...
Da vida desço em meio do verdor
A tumba fria que me abriu o amor.

AIAS.

Marina, ainda espera !

(Vê-se despontar um navio na ponta do promontorio.)

I. CORO.

Olá uma vela !

II. CORO.

Amiga, ou inimiga ?

I. CORO.

Fez signal,
É já um outro!

II. CORO.

E' amiga?... será?...

TODOS.

Salve, é elle Leandro... é sim Leandro!

MARINA.

Elle! que fez?... ó desditoso fado!

SCENA X.

OS MESMOS, LEANDRO, DILARA E ALGUNS
CORSARIOS.

LEANDRO E MARINA (*abraçando-se.*)

Oh! este abraço é balsamo
A' minha longa dôr!

DILÁRA.

Respira peito placido
No amplexo do amor !

AIAS.

Da esperança o raio
Renova seu fulgor !

CORSARIOS.

Inda nos ha á gloria
Levar o teu valor !

MARINA.

Ora contente morrerrei !

LEANDRO.

Que dizes ?

MARINA.

Contempla-me !

LEANDRO.

Ái! ó Céu!

MARINA.

Mas qué dama chorosa aqui vejo eu?

LEANDRO.

Por mim, coitada, sacrificou-se;
À morte certa, por mim votou-se.
Do Pachá era prenda querida;
No harem em chammas, salvei-lhe a vida.
Grata e piedosa, lutou co'a sorte,
Livrou-me heroica, de horrenda morte;
Fugimos juntos.

CORO.

O' generosa!

MARINA.

Graças te rendo, bella piedosa.

DILÁRA.

Graças não busco, nem homenagem ;
Muito culpada, foi-me a coragem :
Os meus remorsos, e dôr não calo ;
Ouve-me, escuta-me, franca te fallo,
Saber te basta, que no meu ardor
Não segui piedade, mas só ao amor.

MARINA.

Amas-o, que escuto ?

DILÁRA.

Qual Deos no Céu,
Mas debalde !

MARINA.

E certo ? Leandro ! adeos !!

LEANDRO.

Que fazes, misera ?

MARINA.

Eu te julgava
Já morto, e a vida não supportava.
Perdoa....

LEANDRO.

Abre-te, ó terra.... quero morrer !

TODOS.

Quem póde o pranto aqui conter ! ?

MARINA.

O meu Leandro, apressa-te !
Derão-me a dita os Céos
De vir aos braços teus
A miuba alma exhalar !
Da vida a luz me foge....
Já não ... te vejo.... adeos !...
No Céu.... perante.... Deos....
Eu vou ... por ti.... rogar !...

LEANDRO.

Oh, se te vás, inhospita
Pra mim se torna a terra !

Do meu destino a guerra
Não mais quero afrontar !
Minh'amada escuta-me !
Attende aos rogos meus !
Se conservou-me Deos,
Porque me vas deixar !

MARINA.

Caro innocente victima
De malfadado amor,
Que a nossa eterna dôr
Te possa consolar !
Oh ! leva, leva as lagrimas
Do meu remorso aos Céos !
E o meu perdão de Deos
Tu saberás ganhar.

CORO.

Oh ! quem podia, ó misera
Tal sina te aguardar !

(Marina expira nos braços de Leandro.)

*

LEANDRO.

Morta é Mariaa !!!... os vortices
Recebão-me do mar !

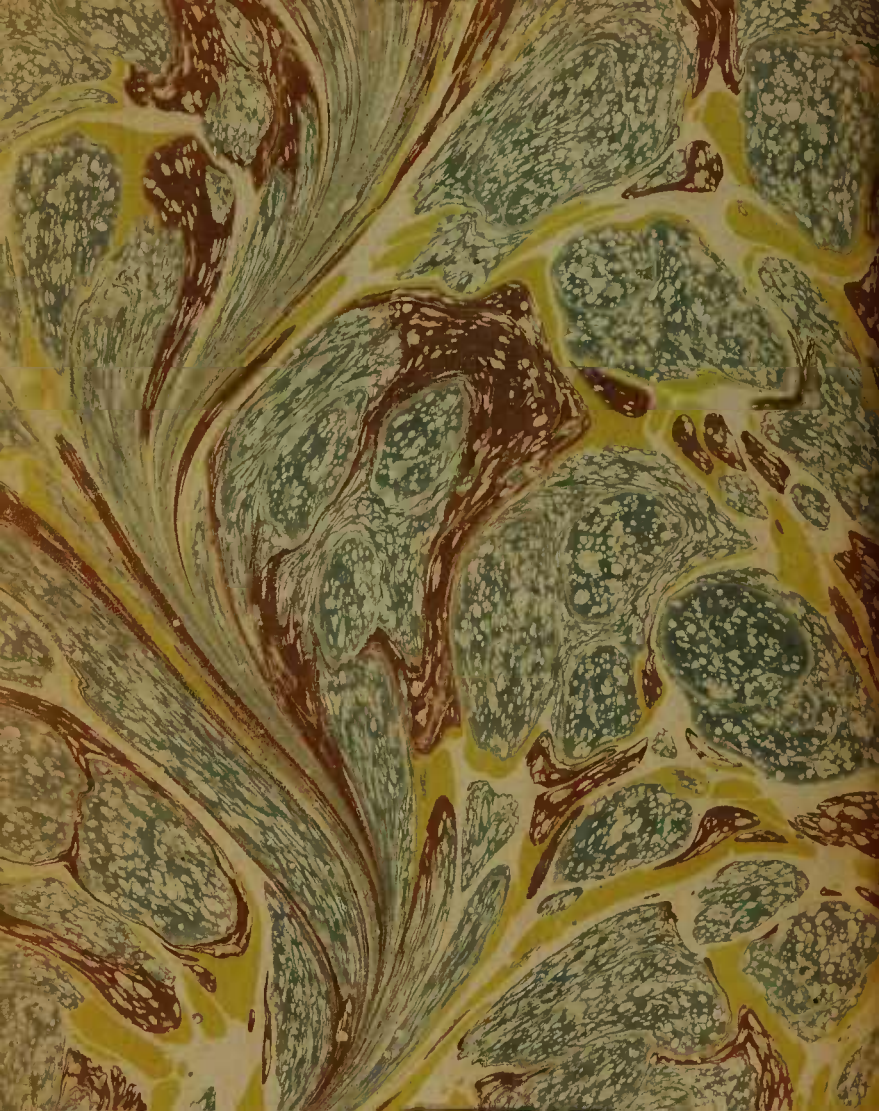
(Atira-se no mar.)

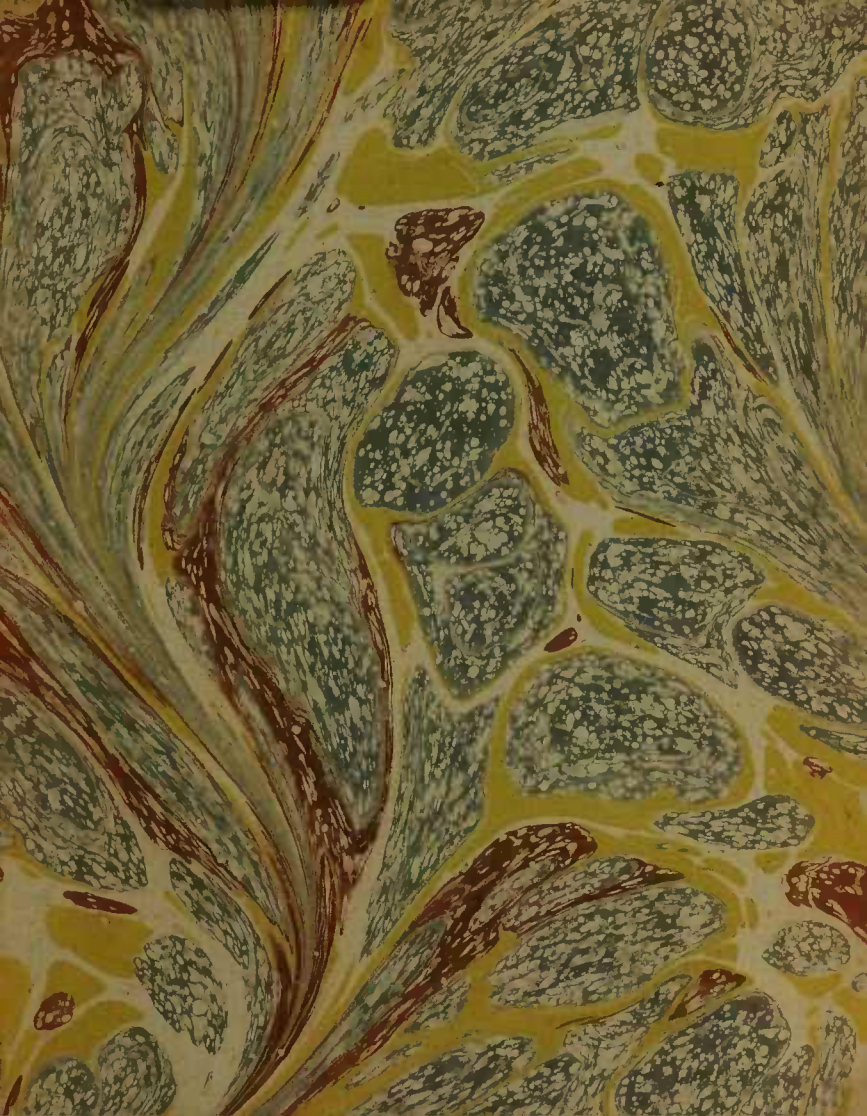
CORO.

Que faz ? ó Céu ! corramos
O misero á salvar !

*(Correm appressados ; as aias levão o corpo de
Marina, Dilára cahe.)*

FIM.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).